

SANTOS, Anderson (Org.) *Guattari/Kogawa: Rádio Livre: autonomia: Japão*. Trad. Anderson Santos e Alan Belém. São Paulo: sobinfluencia, 2020.

Resenha do Livro *Guattari/Kogawa de Anderson dos Santos*¹

JAMYS ALEXANDRE FERREIRA SANTOS

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG.

santosjamys@gmail.com

O livro *Guattari/Kogawa: Rádio Livre: autonomia: Japão* é organizado por Anderson Santos e está distribuído em quatro partes: a primeira, “TRANSLOCAL: Tetsuo Kogawa entrevista Félix Guattari”, contém três entrevistas de Guattari feitas por Kogawa, em Tóquio, nas datas: 18 de outubro de 1980, 24 de outubro de 1980 e 22 de maio de 1981. Tetsuo Kogawa é filósofo e radioartista, possuindo, hoje, o site *Anarchy* no endereço <https://anarchy.translocal.jp/>, onde encontramos diversos áudios das entrevistas que compõem o presente livro.

O segundo momento, “[BRASIL-JAPÃO]: Tetsuo Kogawa: Rádioarte, esquizoanálise e Japão”, é uma entrevista de Kogawa aos tradutores e organizadores Anderson Santos e Alan Belém. Em seguida, “Frequências”, deparamo-nos com quatro textos: “*Tóquio, a orgulhosa*” e “*Rádios livres populares*”, de Félix Guattari; “*Manifesto por uma Rádioarte*”, de Tetsuo Kogawa e “*Tetsuo Kogawa: uma experiência radiofônica – Da Rádio ‘livre’ à terapia social, uma história japonesa*”, de Pali Meursault. O quarto e último momento, “Agenciamentos radiofônicos”, trata de um texto referente às considerações finais de Anderson Santos e Alan Belém.

Com detalhes, na primeira parte do livro, encontramos, nas três entrevistas, temas diversos trabalhados ao longo da obra de Guattari: micropolíticas, psicanálise, semiótica, as rádios livres na Itália, em Paris, os autores Kafka e Toni Negri bem como o compromisso do próprio autor com o vídeo.

Na entrevista de 18 de outubro de 1980, Guattari compara um acontecimento macropolítico com o programa eleitoral que, até então, não tem eficiência prática, contudo, movimentos de resistência que envolvem feminismo, homossexualidade e psiquiatria alternativa, com pouco efeito no nível macropolítico, são capazes de produzirem impactos em grande escala em um país ou mesmo em todo o planeta. Diante

¹ Recebido: 02/06/2022 Aprovado: 02/07/2022.

disso, o autor afirma a necessidade de diferenciar uma mutação micropolítica de um inconsciente molecular, pois, só assim, a situação irá ser passível de mudança, em escala molar e não no tecido social.²

Em seguida, ao se dirigir a questão dos movimentos reacionários na Europa, em sua época, e a forma como estavam sendo contidos, no absurdo das forças policiais, podendo se derivarem da ausência de uma “flexibilidade autorreguladora” na sociedade americana, Guattari não se convence que tais diferenças se perpetuariam, pois existe uma coexistência entre os dois sistemas, desenvolvendo uma espécie de microfascismo. Em decorrência, os governos utilizam tais técnicas de força repressiva policial como revelação das tendências do próprio capitalismo, pois é um sistema que extrai poder para consolidar a segregação e a segmentação social.

Sobre as rádios livres, como a *Rádio Alice* na Itália, o autor rememora seu envolvimento quando aquela foi detida em Bolonha, pelo Partido Comunista Italiano e, ainda na esteira desse contexto, Guattari fundou uma rádio livre na França, o que lhe rendeu processos e dificuldades com a polícia. Ao se envolver com o movimento de rádio livre, afirma que não esperava encontrar uma base teórica, mas um presente acontecimento, pois é uma questão essencial e de criação, dirigida aos jovens, trabalhadores, mulheres em luta e etc., ou seja, um novo tipo de contato entre militantes e a população em geral.

Para o autor, é uma “transmissão transversal de comunicação” onde se ouve falar diretamente na rádio e não a partir de um artigo ou qualquer tipo de comunicação escrita. São transmissões de afetos, causando outro tipo de semiótica, impossibilitando, assim, que o sistema capitalista se aproprie desses meios.

Ao fim dessa primeira entrevista, dentre outras questões, deparamo-nos com sua posição diante da produção de Kafka, onde a obra do sueco lhe leva a contradição entre uma libido burocrática e a lei, até então cega e absurda. Assim, afirma que, por um lado, não existe lei, mas sistemas de pressão aos personagens e, por outro lado, há uma lei inacreditável, transcendental, pois quando alguém, de certa autoridade, é capaz de dizer que deve-se pular de uma janela, a outra pessoa pula.

² “A questão micropolítica – ou seja, a questão de uma analítica das formações do desejo no campo social – diz respeito ao modo como se cruza o nível das diferenças sociais mais amplas (que chamei de ‘molar’), com aquele que chamei de ‘molecular’. Entre esses dois níveis, não há uma oposição distintiva, que dependa de um princípio lógico de contradição.” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 127, grifos do autor)

Então, percebemos como os temas que transversam literatura, rádios livres e filosofia, conseguem manter um caráter, de maneira transcendental, político, ou melhor, a iniciativa tomada por Guattari, nesse caráter conceitual em lidar com os presentes temas, não deixam de se sustentar por iniciativa sociopolítica.

Na segunda entrevista, 24 de outubro de 1980, há pontos fundamentais sobre as rádios, o posicionamento diante da situação na Europa, a Indústria Cultural, assim como diversas intervenções do Estado na cultura. Sobre este último, o autor afirma que o poder do Estado foi apoiado pelos partidos de esquerda e pelos sindicatos, tornando-se mais reacionário na França. Contudo, para Guattari, esses partidos são mecanismos que deveriam ser independentes, sendo que, juridicamente, o governo escolhe os diretores e o controle de financiamentos desses meios. Assim, as lutas sociais de maio de 68 não puderam avançar enquanto o poder estivesse em domínio desses meios de comunicação por parte do Estado e, sobretudo, da Indústria Cultural. Mesmo a esquerda sendo vítima desse sistema, ela é cúmplice, pois seus líderes não podem adentrar os meios de comunicação e sua ideologia também sustentava esses monopólios.

Em decorrência disso, Guattari informa que o posicionamento de contravenção apresentado pelas rádios livres não é somente um problema de instrução e manipulação das ideologias frente às mídias, mas, principalmente, político e, assim, relativo à concepção do Estado. A partir daí derivam três questões: manipulação da ideologia, manipulação do inconsciente e relações entre indivíduos, instituições e Estado.

A rádio *Autonomia*, na Itália, foi fundamental para Guattari frente a todas as outras, como um meio de renovação das lutas sociais. Na França, veremos que as rádios livres se constituíram mais como um movimento a favor das rádios, ações de rádios piratas, do que um grupo real de estações de rádios.

Em seguida, Kogawa, ao perguntar – com risos – a Guattari sobre a estação da *rádio paris 80*, também destaca o tema da relação entre as rádios livres e a esquizoanálise. Assim, o autor reitera: “mas acredito que o fenômeno da rádio é uma espécie de esquizoanálise dos meios de comunicação de massa. Não precisamos fazer um discurso sobre esquizoanálise. Basta fazer rádio livre. *Faça-você-mesmo*”. (SANTOS, 2020, p. 48, grifos do autor)

Então, entendemos como Guattari considera as rádios livres para além de uma democratização da informação, pois, em suas palavras, não há uma “língua nacional” ao nível dos agenciamentos do desejo, ou seja, algo que dê unidade à língua. As rádios

lidam com uma multiplicidade de agenciamentos que esmagam as singularidades do desejo e não como uma mídia de massa que, além de unificar sentimentos, comportamentos e as próprias linguagens, também ajudam no “o que é” comportamento, desejo e linguagem. Guattari, a partir de sua associação com o movimento das rádios livres, percebeu o quanto esse campo era colonizado, mas que poderia lutar contra a expressão cultural e política centralizada em Paris.

Na terceira e última entrevista da primeira parte, a de 22 de maio de 1981, deparamo-nos com uma questão sobre a França socialista, onde Guattari entendia que a esquerda só existia em um nível parlamentar, e não de militância e massa. A esquerda da época tinha sido polida e se encontrava, até então, “gasta”, sem sindicalização e sem uma juventude politizada. Fatos que infelizmente podem ser apreendidos na nossa contemporaneidade. Desse modo, a França socialista de 1981 foi um acidente histórico – sendo a própria história, enquanto ciência, na concepção filosófica do autor, um acidente.³

Então, Kogawa pergunta-o se essa situação poderia fortalecer a ação da esquerda em outro países – entendemos que essa ação não se trata da intensidade da força do partido, mas devido ao país se constituir como tal. Concordando, o autor complementa que a esquerda sabotaria a economia e resistiria, mantendo a direta na defensiva, porém o que veio depois dessa resposta de Guattari foi apenas a incerteza do próprio autor.

Em seguida, entre temas como o comunismo da Itália, os intelectuais de sua época e o jornal *Libération*, Guattari aponta para as questões da mudança necessária da estrutura tradicional da família. Estas eram alteradas diante das estruturas de dominação do sistema, motivadas em decorrência das ideias ao nível molecular, se opondo ao nível molar⁴, ou seja, a família fora da ideologia que se sustenta na mulher dona de casa e nas crianças que necessitam direcionar os estudos para pensamento profissional. Um pensamento tão necessário como delicado para pautar a realidade atual nos permite pensar como Guattari, mesmo como um dos autores que compõem o “centro europeu”, conseguia dialogar com temáticas por vir sobre a decolonialidade.

³ Uma importante passagem, no volume 4 de *Mil platôs*, os autores expõem: “entre as formas substanciais e os sujeitos determinados, *entre os dois*, não há somente todo um exercício demoníacos, mas um jogo natural de hecceidades, graus, intensidades, acontecimentos, acidentes, que compõem individuações, inteiramente diferentes daquelas dos sujeitos bem formados que as recebem.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 40)

⁴ Novamente, sobre o molar e o molecular...

Mais adiante, Guattari nos diferencia psicanálise e esquizoanálise, sendo a primeira um tipo de poder colonial a um inconsciente que escapa das realidades dominantes e, a esquizoanálise “é algo que não quer ser um movimento internacional, uma escola, uma técnica que aprendemos em manuais, mas algo que nos propõe uma reflexão sobre formas analíticas reais na maneira como aparecem” (SANTOS, 2020, p. 72).

Dessa forma, o problema do inconsciente está no campo social, não dizendo respeito apenas aos especialistas, psiquiatras e psicanalistas, mas aos que tentam viver em comunidades, escolas ou em grupos militantes. Nessa esteira, entendemos que o desejo se manifesta em paralelo aos acontecimentos históricos, contudo é reprimido pela própria sociedade, não somente pelas forças opressoras de poder, mas pelo partido operário e pelos sindicatos, pelas próprias organizações de esquerda. Então, a concepção Guattari e Deleuze de uma psiquiatria materialista introduz a produção social no desejo, bem como o desejo na produção social. (DELEUZE, 2006, p. 277)

Guattari exemplifica a figura de Kafka, pois via-o como um exemplo, ou seja, considerava o sueco como uma mutação fundamental da burocracia interessada nos aparelhos de cálculos e nos indivíduos transformados em engrenagens de máquinas, de informáticas, ou seja, nos novos tipos de burocratas: “Ele pode não ter feito uma teoria, mas tinha uma sensibilidade muito mais aguçada que a de muitos teóricos”. (SANTOS, 2020, p. 75)

Em seguida, ainda afirma que Kafka o ensinou tanto quanto Freud ou Marx, o levando aos conceitos de devir-animal, devir-máquina e devir-imperceptível, se encaixando, assim, nos autores romancistas, filósofos e políticos: “Kafka pra mim é como um amigo, um irmão, um verdadeiro companheiro. De vez em quando, ao enfrentar alguns problemas, me pergunto: o que pensaria Kafka? Para mim, ele é uma máquina viva, uma máquina abstrata”. (SANTOS, 2020, p. 76)

Sobre seu comprometimento com a psicanálise, com a clínica de *La Borde*, Guattari nos afirma que trabalhava 15 horas por semana e que naquele período rompeu com a *Escola Freudiana*. Ainda tinha relações com alguns psicanalistas, mas fazia seminários sobre esquizoanálise com alguns analistas, bem como seguia seus próprios métodos na prática de análise.⁵

⁵ O documentário *La Borde, le droit à la folie* (1977) apresenta primorosos depoimentos de Jean Oury, Félix Guattari e diversos outros pacientes sobre a clínica de La Borde. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uLQ0ikVLPI>.

A segunda parte do livro, “[BRASIL-JAPÃO]: Tetsuo Kogawa: Rádioarte, esquizoanálise e Japão”, trata de uma entrevista concedida por Tetsuo Kogawa a Anderson Santos e Alan Belém, no mês de novembro de 2020, via e-mail, entre Tóquio e São Paulo. A entrevista inicia-se com uma explicação de Kogawa sobre a criação do *Anarchy Translocal/ “Polymorphus Space”* (<https://anarchy.translocal.jp/>), um site de compartilhamento das mais variadas informações: novas políticas, artes e tecnologias de rede, inclusive, áudios das entrevistas de Guattari a Kogawa.

O título, “anarquia”, não se direciona à ideia de um partidário do autor, mas da sua própria interpretação da palavra: “O significado etimológico de ‘anarquia’ é não ter cabeça. Isto também pode significar sem líder, sem hierarquia, sem capital, sem capitalismo”. (SANTOS, 2020, p. 90)

Mais adiante, explica como o livro *Kafka: por uma literatura menor*, o inspirou, pois, além de estar envolvido, mesmo antes do lançamento do livro, nas traduções e artigos sobre Kafka, a psicanálise dos personagens da literatura do tcheco o possibilitou, por exemplo, ao conceito de micropolítica e, em decorrência, entender as diferenciações dos conceitos entre teoria e prática.

Sobre as rádios livres no Japão, bem como as novas tecnologias que poderiam ser direcionadas para essas rádios, Kogawa afirma que não houve uma história da rádio livre no país, assim como aconteceu na Itália e na França, mas transmissões piratas que logo as autoridades cessavam, pois, caso negligenciadas, haveria um controle mais rígido que poderia levar a momentos de prisão.

Sobre a *Radio Home Run* criada pelos seus alunos da Universidade Wako, em Tóquio, por volta de 1982, cunhada a partir de um termo do beisebol, levando a pensar na ideia “além das fronteiras”, continuou até meados de 1991. Anderson Santos, então, pergunta se a rádio livre ainda existe como arte e o que ela seria no século 21. Kogawa informa que rádio é irradiação e que a internet não é expressão de rádioarte. Essa vem substituindo aquela, pois o conteúdo é mais diversificado e a tecnologia de irradiação está agora evidente, em wi-fi, celulares, carregadores de bateria e afins. A irradiação tornou-se um meio de transporte para o conteúdo e a radiação é secundária. A Rádio Arte, para Kogawa, é quando ele utiliza as próprias ondas de rádio como material indispensável de expressão.

Em seguida, aprofunda alguns comentários sobre a *Radio Party*, *Translocal Palimpsest* e *Radio Kinesonus*, algoritmos, micropolíticas, democracia/repressão e etc.,

questões bem discorridas ao longo de todo livro. Finalizando esse momento, Kogawa entende que o móvel micro molecular, ou melhor, a revolução molecular “acontece em nosso ‘corpo sem órgãos’ individual. Não está no inconsciente que ainda pertence à epistemologia convencional. Você não pode intencionalmente trazer uma revolução molecular. Sempre e já está acontecendo”.⁶ (SANTOS, 2020, p. 101)

Na terceira parte, *Frequências*, encontraremos mais quatro textos: *Tóquio, a orgulhosa* e *Rádios livres populares*, ambos de Félix Guattari. O primeiro é de 2 de janeiro de 1986, publicado em japonês, em *Tokyo L'orgueilleuse* e traduzido por Anderson Santos e Stéphanie Chiconeli Tabata. Potentes palavras de Guattari que, ao descrever a arquitetura e as paisagens urbanas do Japão, desenvolve desterritorialidades para além das interioridades da sociedade em questão. O segundo texto foi publicado originalmente em *La Révolution Moléculaire*, *Recherches*, 1977 e, no livro em destaque, traduzido, também, por Anderson Santos. Guattari inicia com as direções, até então, evolutivas que os meios de comunicação de massa caminhavam: de um lado, na concentração dos aparelhos de Estado a comunicação se assentava nas normas dominantes e, de outro, nos sistemas miniaturizados, ou seja, na apropriação coletiva da mídia possibilitada pelas minorias, escolhas políticas e micropolíticas. Assim, nessa segunda via, além do vídeo e do cinema, estão as rádios livres que dependiam da inventividade e do improviso dos seus promotores, entendendo essas rádios como verdadeiros modos de agenciamentos coletivos de enunciação.

O terceiro texto *Manifesto por uma Rádioarte*, de Tetsuo Kogawa, foi exclusivamente retirado de leituras realizadas no *AV Festival 2008*, em Newcastle e no *Deep Wireless Festival of Radio Transmission Arte*, em Toronto. O escrito foi publicado em *Acoustic Space 7* e em *Tetsuo Kogawa Radio-Art*, traduzido para o português por Alan Belém. O artista apresenta o novo gênero de arte diante das artes eletrônicas: a rádio arte, diferente da “arte de rádio”, onde nos deparamos com novos elementos envolvidos na emissão/recepção, além de encontrarmos abordagens de como os conceitos de micropolítica, revolução molecular, dentre outros, o ajudaram no desenvolvimento de outras rádios livres e de seu próprio *website* “Polymorphous Space”.

⁶ A concepção de corpo sem órgãos (CsO) é apresentada por Deleuze antes de sua produção em conjunto com Guattari – o qual foi fundamental para o aprofundamento do conceito –, contudo, foi primeiramente apresentado por Antonin Artaud na transmissão radiofônica do poema *Para acabar com o julgamento de Deus*.

Por fim, um escrito do artista sonoro, compositor e designer de som, Pali Meursault, *Tetsuo Kogawa: uma experiência radiofônica – Da Rádio “livre” à terapia social, uma história japonesa*. A primeira versão deste texto foi publicada em duas partes em um dossiê dedicado a Tetsuo Kogawa, também traduzido por Anderson Santos. O texto foi redigido em comemoração aos 30 anos das rádios livres na França, levando-o às questões que se inserem nos softwares livres ou fluxos livres de dados e outras desterritorializações, tanto inseridas na reflexão política quanto na pesquisa teórica.

Na quarta e última parte do livro, há um texto escrito por Anderson Santos e Álan Belém, *Agenciamentos radiofônicos*, sobre o próprio livro em destaque. Os autores traçam um paralelo entre a psicanálise e a rádio, tendo como fator determinante o campo da linguagem e afirmam que o próprio livro vem a existir como uma importante máquina de guerra, fundamentada na desterritorialização da atividade de Donald Winnicott, psicanalista que teve seu trabalho vinculado a rádio BBC de Londres. Os autores explicitam como as rádios livres e *Guattari/Kogawa* não somente possibilitam movimentos micropolíticos, mas, assim o entendemos, também fomenta a transversalidade da educação.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. Gilles Deleuze e Guattari explicam-se [1972]. Trad. Luiz B. Orlandi. In: *A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953 – 1974)*. Edição preparada por David Lapoujade. São Paulo: Editora Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 4. 2ª ed. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

Filmografia

La Borde, le droit à la folie. Direção: Igor Barrère. Produção de INA 0 Institut National de l'Audiovisuel. Paris, 1977, Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=ulLQ0ikVLPI>.